
Narrativas ocultas que dificulta a equidade de gênero no cotidiano: uma análise a partir do setor industrial¹

Ana Cláudia do Nascimento BATISTA²
Neide TAKAHASHI³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo traz a reflexão acerca de ações e expressões que passam despercebidas no nosso cotidiano, pois foram, durante um processo histórico e cultural de silenciamento e dominação, naturalizadas, estas são chamadas aqui de narrativas ocultas. Com a intenção de compreender quais são os impactos que tais narrativas geram no cotidiano das mulheres, e se isso é, de fato, mais um elemento que dificulta a equidade dos gêneros, é apresentado aqui o resultado de uma pesquisa qualitativa com foco em entrevista de profundidade, em que foram entrevistados 3 homens e 3 mulheres do setor industrial; sob as reflexões teóricas de Beauvoir (2009), Freire (1997), Lerner (2019), Bourdieu (2012), entre outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas ocultas. Mulheres. Silenciamento. Cultura. Equidade de gênero.

1. INTRODUÇÃO

O feminismo enquanto ação da busca pela igualdade sempre existiu, mas a origem do termo passa a existir entre os anos 1808 e 1841 sendo usado pelo sociólogo Charles Fourier, e o movimento ganha mais forças e visibilidade somente na década de 1970, seguido pelas décadas de 1980 e 1990. O movimento feminista, marcado pelo que alguns estudiosos chamam de 4 ondas ou gerações de lutas travadas em busca de direitos mais igualitários entre homens e mulheres, é na verdade mutável, se adapta e se expande conforme a sociedade caminha e evolui.

Nominamos aqui, neste estudo, os incontáveis discursos e atitudes normalizados no cotidiano como “narrativas ocultas”⁴, que são, entre outras definições, as diferenciações e cobranças de comportamento entre os gêneros desde a infância, frases que se ouve como “menina pode isso, menino pode aquilo”, ou “ah, mas é porque é

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade, Diversidade, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Especialista em Gestão de Projetos Culturais do CELACC-USP, e-mail: anaclau.nb@gmail.com

³ Orientadora do curso de Gestão de Projetos Culturais do CELACC-USP, e-mail: neidecelacc@gmail.com

⁴ Termo de autoria própria.

mulher”, “homem não chora”, que culminam na diminuição da mulher à sua feminilidade ou aos afazeres domésticos, impulsionam o homem a ter que afirmar a todo momento sua masculinidade como superior ao outro, ou ainda a normalização do medo de que sente uma mulher ao sair na rua, e outros inúmeros exemplos. Narrativas ocultas são as obviedades não ditas, é o silenciamento velado, é aquilo que se normaliza, mas não deveria.

Histórica e culturalmente, a mulher é vista e dita como o outro, o gênero dominado, é quase o sinônimo da submissão, e ao longo da construção social e cultural essa ideia se reproduz e se reafirma por meio da família, da religião e do Estado se perpetuando em diferentes formas de silenciamentos. Isso se reflete até os dias atuais, tendo como consequência as ações e discursos “normalizados”, e que, por assim serem, tornam a equidade de gênero cada vez mais utópica. Propõe-se aqui mergulhar sobre os silenciamentos velados e entender de que forma isso impacta no dia a dia das mulheres, analisando o cotidiano sob o pequeno recorte do ambiente corporativo industrial.

2. PERCURSO TEÓRICO

2.1 Cultura do silenciamento e as narrativas ocultas

São muitos os motivos que historicamente acarretam no cenário de desigualdade entre os gêneros, portanto, para compreender resquícios que se reverberam ainda nos dias atuais, é preciso fazer memória das construções sociais, históricas e culturais, de como as sociedades foram constituídas, e sob qual lógica dominante se basearam.

As mulheres, por exemplo, têm em seu gênero consequências herdadas de uma sociedade incorporada no homem, com as raízes do machismo.

“Num contexto em que você é minoria, você olha envolta e não se reconhece (...) a gente carrega um pouco essa “antes de qualquer coisa a gente é mulher” e isso muito em coisas cotidianas, as vezes em conversas banais a gente tinha que enfrentar esse tipo de pressão de representar um gênero inteiro, porque se eu errasse a impressão é que eu tava mandando a mensagem de que todas as mulheres eram ruins naquilo” (TECH GIRLS SAMSUNG, 2018)

Entre os diversos significados da palavra “cultura”, podemos descrever que ela condiz em padrões de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas. Ou ainda, podemos encontrar a definição de que é compreendida como os comportamentos e conhecimentos de determinado grupo

social, como afirma Bauman (2012, p. 141) “a cultura humana é um sistema de significação e uma de suas funções universalmente admitidas é ordenar o ambiente humano e padronizar as relações entre os homens”.

Ao refletir sobre os padrões transmitidos historicamente e a forma como se comporta a sociedade, ainda nos dias atuais, Freire (1973, p. 46) aborda sobre o conceito de cultura do silenciamento, que em seu entendimento era uma forma de "manipulação e conquista, expressões da invasão cultural e, ao mesmo tempo, instrumentos para mantê-la, não são caminhos de libertação. São caminhos de *domesticação*". É essa domesticação que resulta em um cenário de invisibilidade que transpassa, por exemplo, a história e os enfrentamentos das mulheres.

Em outras palavras, Bourdieu (2012) comenta sobre as lógicas de dominação construídas na sociedade, na relação entre dominante e dominado, a dominação do *outro*, e como, dessa forma, se reproduzem os silenciamentos por meio suas crenças, hábitos ou reproduções simbólicas.

A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino, tarefas enormes e, em certo sentido intermináveis que (...) exigem quase sempre um gasto considerável de tempo e de esforços, determinam uma somatização da relação de dominação, assim naturalizada [...] As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres (...) a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos. (BOURDIEU 2012, p.70-71)

É nesta dialética do gênero dominante que se consolida as noções do coronelismo e do patriarcado. Para Lerner (1986 *apud* Aronovich 2019, p. 28) “traçar as origens do patriarcado equivaleria a desvendar os fatos históricos que levaram as mulheres a esse quadro de submissão e opressão que perdura por milênios”:

Essa desvalorização simbólica das mulheres em relação ao divino se torna uma das metáforas marcantes da civilização ocidental. [...] É por meio dessas construções metafóricas que a subordinação das mulheres passa a ser considerada natural, ou seja, invisível. É isso, diz Lerner, que estabelece o patriarcado como ideologia.

A ideologia é o que dá sentido às relações de poder, e num exemplo simples do cotidiano, Lerner (2019, p. 355) pontua que “podemos expressar melhor a complexidade dos vários níveis de dependência e liberdade das mulheres comparando cada mulher com

seu irmão e considerando como a vida e as oportunidades de uma irmã e seu irmão eram distintas”.

Essas relações de poder e silenciamento têm como frutos a opressão, a submissão e, por conseguinte, a naturalização de muitas expressões, atitudes e discursos até a contemporaneidade, que seguem ainda culturalmente sendo reproduzidos e reafirmados em todos os ambientes por onde os indivíduos circulam, na família, nas escolas, nas crenças e nas organizações corporativas, tornando assim discursos despercebidos no cotidiano.

Freire (1970, p.32-33) explica ainda que:

A compreensão da cultura do silêncio pressupõe uma análise da dependência enquanto fenômeno relacional que acarreta diversas formas de ser, de pensar, de expressão, tanto da cultura do silêncio como da cultura que “tem voz” [...].

O entendimento de Freire (1970) é de que “a *cultura do silêncio* (...) é o ambiente do tolhimento da voz e da ausência de comunicação, da incomunicabilidade”, ou seja, é não dar espaço para a voz daqueles que foram silenciados.

As narrativas ocultas que se formam e estão presentes em nosso cotidiano nascem e se encontram desse movimento de silenciamento e naturalização que se dão por meio de falas, símbolos, ações e expressões. Por oculto, entende-se⁵ aquilo que está encoberto ou escondido; que não se manifesta ou se revela, secreto e, portanto, passam na maioria das vezes despercebidas, e conseqüentemente, reproduzidas; fazendo, assim, com que os ciclos do que foi imposto como normal, ou natural cultural e socialmente, perdurem sem muitos questionamentos e, ao menor sinal de serem questionados, o sistema cria novos gatilhos que os fazem perdurar.

2.2 Mulher e seus enfrentamentos

O jornalismo independente *mídia ninja* trouxe, em 24 de março de 2022, uma matéria com fotos que viralizaram novamente, após 10 anos, de uma representante parlamentar italiana que, à época, levava sua filha para as sessões na câmara. O tema repercutiu por ser ainda recorrente, atual e “comum”. O trecho da matéria, compartilhado

⁵ Definição de “oculto” pelo dicionário online Michaelis (2022)

na plataforma digital do instagram @midianinja (2022), evidencia um dos enfrentamentos:

A representante italiana no Parlamento Europeu Licia Ronzulli, como tantas mulheres no mundo inteiro, precisa se dividir entre a vida profissional e a maternidade e acaba tendo que levar a filha para o trabalho de vez em quando [...] a política, assim como todos os outros espaços, também deve ser ocupada por mulheres e mães – embora, o trabalho e cuidado não deva ser só delas. Fica a pergunta: com que frequência você vê homens fazerem o mesmo?

O tema em que está envolto na situação acima aparece com certa frequência nas últimas décadas, sendo colocado em pauta, pois se refere principalmente às questões de equidade de gênero envolvendo a maternidade e as condições de trabalho, contudo o enfoque que merece atenção nesse trecho citado, é o questionamento final apontado: “fica a pergunta, com que frequência você vê homens fazerem o mesmo?”.

Historicamente as mulheres percorrem lutas para assegurarem seus direitos de existência, de permanência e de circulação nos espaços, enquanto, para os homens, já era uma condição existente. Conquistas através de direitos e políticas públicas como a Lei Maria da Penha, Lei do Femicídio, Institucionalização do programa mulher segura, entre outros, legitimadas pelo Estado, nos trouxeram ao cenário em que se vive na contemporaneidade. E são elas que mostram a importância da existência desses direitos, pois por meio deles é que, de uma forma ou de outra, a figura da mulher em sociedade é apoiada e também legitimada.

Em relação à construção histórica, e como nesse processo a mulher foi (ou deixou de ser) colocada, Lerner (2019, p. 365-367) nos traz, “na vida real, as mulheres não tinham história – assim aprenderam e assim acreditaram. E, por não terem história, não tinham alternativas de futuro”. E complementa:

(...) onde não existe precedente, não se pode imaginar alternativas às condições existentes. É essa característica da hegemonia masculina que é mais prejudicial às mulheres e lhes garante o status de subordinadas há milênios. A negação às mulheres de sua história reforçou a aceitação da ideologia do patriarcado e enfraqueceu a noção de valor próprio da mulher individualmente.

É fato que essas construções históricas e culturais fazem parte do ser mulher, mas não a definem e, para compreender os enfrentamentos que, apesar de em determinados casos parecerem socialmente “ultrapassados”, são ainda tão presentes, reafirmados e reproduzidos de diversas formas diferentes. Bourdieu (2012, p.73) traz: “em todas as

manifestações visíveis das diferenças entre os sexos e, mais amplamente, nos detalhes, aparentemente insignificantes, dos comportamentos quotidianos, que encerram inúmeros e imperceptíveis apelos à ordem”.

Ao fazer essa colocação, o autor expõe como nos mais imperceptíveis detalhes se ressaltam as diferenças entre os gêneros. Mais adiante ele traz um “testemunho”, que demonstra como o silenciamento e a opressão impõem e impactam na construção da mulher enquanto indivíduo:

“Quanto mais eu era tratada como uma mulher, mais eu me tornava mulher. Eu me adaptava, com maior ou menor boa vontade. Se acreditavam que eu era incapaz de dar marcha à ré, ou de abri garrafas, eu sentia, estranhamente, que me tornava incompetente para tal. [...] “os professores dizem sempre que somos mais frágeis e então acabamos acreditando nisso”. (BOURDIEU, 2012, p.77)

Há no início da colocação citada acima, uma memória a uma das imposições clássicas da autora feminista Simone Beauvoir (2009, p. 307), em que ela escreve:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro.

São inúmeras as questões que transpassam o ser mulher na sociedade, cada uma delas compõe as identidades individuais das mulheres e seus respectivos enfrentamentos cotidianos, não se exclui, é claro, os avanços que foram garantidos através de conquistas históricas, direitos políticos, econômicos, e de saúde. Esses passos, definitivamente, contribuem para que as mulheres que nasceram e vivem já possam usufruir de tais conquistas, tenham outros tipos de enfrentamento em sua história e seu cotidiano; contudo, não se pode esquecer que esse cenário de reprodução de submissão, dominação e silenciamento do outro, neste caso da mulher, seguem vivos nas entrelinhas e por muitas vezes, invisíveis, são eles que impactam e influenciam diretamente em como nossos meninos e meninas são criados e ensinados a viver, e principalmente, em como a mulher se sente, se vê e se constrói.

Nessa construção, para que a mulher realmente ganhe um espaço e se faça ser ouvida, ela precisa por muitas vezes percorrer um caminho que apresenta mais percalços do que o homem, pois eles podem estar correndo numa mesma faixa, lado a lado, mas

como numa corrida de obstáculos, nesse percurso, as mulheres se deparam com mais obstáculos que os homens, para chegarem a um mesmo destino final. É, portanto, para as mulheres, nesse percurso chamado vida, necessário se manter vigilantes.

3. Pesquisa de opinião qualitativa com técnica em entrevista de profundidade

O presente artigo teve como objetivo identificar quais as narrativas ocultas que são mais presentes na construção dos indivíduos, e de que forma isso impacta ou influencia o cotidiano e a equidade dos gêneros.

Para tanto, foram entrevistados 3 homens e 3 mulheres dos diferentes setores corporativos indústrias de celulose, cosméticos, mineração e materiais de construção industrial, todos exercendo uma posição de gestão ou liderança e numa faixa etária de 25 a 49 anos. Optou-se por manter em anônimo as identidades dos entrevistados para que, dessa forma, pudessem se expressar com maior tranquilidade e liberdade.

Este é um recorte dos principais resultados obtidos na pesquisa realizada no trabalho de conclusão de curso (TCC) em Gestão de projetos culturais da autora. A versão completa é composta de 16 questões, sendo 8 para as mulheres e 8 para os homens.

3.1 Narrativas ocultas na perspectiva das mulheres

Na 1ª e 2ª questões, abordamos quais são as expressões e ou falas que elas ouviram em suas trajetórias somente por ser mulher, e como isso impactou suas construções enquanto pessoas e profissionais.

Para a Entrevistada 1, uma das expressões que a marcam é a *surpresa* das pessoas durante suas atividades de campo porque é sempre esperado que seja um homem representando o meio industrial. e sempre que cita que é do time de marketing, “há uma expressão de - ah então tá -, como se marketing pudesse ser aceito pra ser exercido por mulheres, e outras áreas não”. Aponta também sobre as muitas cobranças, e que muito mais é exigido dela, “por mais que não haja uma fala direta de que o motivo é eu ser uma mulher”. Outra expressão que a acompanhou a vida toda dentro de casa é “ah, mas é porque é homem”, para exemplificar citou diferenciações cotidianas simples entre ela e seu irmão mais velho como “ah porque que eu tenho que arrumar a cama e ele não? Porque ele é homem (...) é sempre muito permissivo para com o homem”. Para ela os efeitos dessas expressões, são insegurança, sensação de falta de rede de apoio, de auto cobrança e de sentir que nunca nada que faz é suficiente, coisas que geram uma ansiedade

e um medo, “uma sensação muito grande de síndrome de impostor mesmo, como se eu não devesse estar onde eu estou agora”.

Para a Entrevistada 2, uma expressão que é latente em sua história é “piriguete”, “é uma expressão que eu acho muito curiosa, e que eu acho que ela só existe no ser mulher ali, porque não existe por exemplo o equivalente de piriguete pra homens, e isso revela como existe um código de vestimenta muito associado ao lugar do feminino”. Um outro exemplo é sobre sua infância em que ela e suas primas precisavam fazer determinadas atividades, como ajudar com a louça, enquanto seus primos podiam ir para fora e brincar, mas que só percebeu como é um machismo estrutural quando ela, enquanto mulher, se viu julgando outras como “piriguete”, e por isso essa expressão é tão simbólica para si.

Ela acredita que são múltiplos os efeitos causados e eles passam por vieses inconscientes, contudo, entende que foram dos positivos aos negativos. Como positivo entende que os incômodos à levaram para um lugar de tomada de consciência, de construção de quem é hoje, e entende que o feminismo é uma jornada não linear, e por outro lado, como um impacto negativo, até hoje tem questões com seu corpo, como algo que está:

“absolutamente enraizada dentro de mim essa coisa da pressão estética, e isso me violenta muito de muitas formas (...) não existe esse controle sobre o corpo masculino, isso é uma coisa que tem um impacto tão profundo, que extrapola a minha consciência racional sobre isso”.

Já para a Entrevistada 3, houve seguinte relato:

“Eu acho interessante, porque eu não sou uma figura muito feminina, talvez eu não ouça tantas coisas que são mais corriqueiras, do tipo, “ah chegaram elas, agora nossa reunião vai ficar mais florida”, “agora nós vamos embelezar a sala”.

Reitera ainda que essas falas são muito comuns no cotidiano e que como o ambiente que transita é muito masculino, ela sente que as vezes consegue se encaixar melhor do que homens gays por exemplo, para aquele meio “meu jeito de andar, meu jeito de vestir está ok, porque não é estranho àquele ambiente”. Mas quando sai daquele ambiente para representar a empresa, “percebo estranheza sim, (...) eu não vou mais colocar um vestido ou uma saia pra eu deixar os outros confortáveis e eu ficar desconfortável”. Ela comenta ainda que muitas vezes se violentava se vestindo de uma forma que não queria “porque eu me sentia nessa obrigação social, e depois eu entendi que eu não precisava cumprir essa obrigação, que ela não era uma obrigação e que eu não precisava obedecer à isso”.

Entre as questões 4 e 5 falamos sobre as diferenciações de gênero dentro de seus respectivos ambientes de trabalho e como foram os desafios ou enfrentamentos para chegarem nas posições que ocupam hoje, diante disso, a Entrevistada 1 afirma que há muitas iniciativas para que o cenário igualitário aconteça, mas percebe como na prática muitas pessoas continuam tendo falas e atitudes machistas. Afirma ainda que “é constante no dia a dia eu ser questionada, mas não é um questionamento em cima daquilo que eu acho, é em cima de dados que eu estou trazendo”.

A respeito de sua trajetória, comenta:

“sempre que tive que trabalhar muito mais do que qualquer outro homem que estava na mesma posição do que eu, não somente trabalhar mais em horas, mas trabalhar muito mais aprofundadamente, e sempre com medo (...) tá sempre todo mundo olhando pra ver que horas que eu vou errar. Isso é pesado, isso cansa. Essa discrepância de atuação e da maneira do tipo de entrega e do quão perfeitas as entregas tem que ser, eu acho que pra mim é o que mais me chama atenção ao longo da minha trajetória inteira”.

Cita ainda que o ambiente acaba por legitimar e dar voz a esse tipo de atitude de acordo com o tempo, hierarquia e afinidade que a pessoa ocupa dentro da organização fazendo com que eles reproduzam ações ou expressões de opressão.

A Entrevistada 2 relata “venho de um outro lugar que é majoritariamente dominado por mulheres, que é o terceiro setor, então acho que isso, quando eu venho pro segundo setor, me gera muitos estranhamentos”. Comenta sobre presenciar situações de reuniões com poucas mulheres entre muitos gestores homens, e a fala delas serem cortadas, invalidadas,

“Não foram poucas as vezes em que vi mulheres nessas posições, sendo verbalmente atingidas ali, invalidadas nos seus posicionamentos (...) a gente tem que operar com um certo nível de negação, porque se a gente for realmente comprar todas aquelas brigas, e for tomar muito pra gente, talvez seja inviável atravessar aquele cotidiano”.

Ao falar sobre desafios para chegar onde está hoje, ela traz a interessante perspectiva das inúmeras interseccionalidades que a atravessam, e de reconhecer cada uma delas em sua história, como a branquitude, a classe social, que deu a ela uma série de oportunidades de conhecimento que também a levaram estar onde está hoje. Afirma ainda o quão importante foi estudar e ter acesso em um momento em que havia políticas públicas educacionais que a permitiram ampliar experiências, “e isso também mostra a

importância de que a institucionalidade, de que as políticas públicas entrem também pra impulsionar a gente em determinados espaços”.

A Entrevistada 3 aponta que:

“a empresa sempre vai ter algum tipo de artifício que vai levar um benefício maior pro homem. Ainda que, ele esteja numa posição hierarquicamente, inferior a uma mulher. Há sempre uma tentativa de tentar encaixar aquele cara ali para que ele não se sentir muito por baixo (...) eu já presenciei isso”.

Em relação aos desafios travados, ela comenta que teve vários “como toda mulher”, mas cita um exemplo específico de um cargo que ocupou e precisou se esforçar muito para conseguir ser respeitada e valorizada por aquilo que fazia, em relação a isso faz a seguinte analogia:

“legal que a gente conseguiu virar essa chave, mas e se fosse um homem será que ele ia precisar de todo esse investimento, de todo esse esforço pra chegar nesse lugar? (...) **a gente precisa ser o tempo inteiro um carro 1000, dando todo do seu motor pra conseguir subir as ladeiras que tem por aí**”. (grifos nossos).

Já nas questões 6 e 7, caminhamos para compreender suas perspectivas sobre as iniciativas de criar um ambiente mais igualitário, como se sentem para se expressarem em pesquisas por exemplo, e também o que acreditam ser ações efetivas para esse processo.

Nesse sentido, todas as entrevistadas pontuam que não se limitam a expressar suas opiniões ou se posicionarem, mas ressaltam que essa não é uma realidade para todas as mulheres. A Entrevistada 1 acrescenta que, apesar de não ser uma realidade, percebe que nos últimos anos aumentou o percentual de mulheres participando ativamente de pesquisas, e ela entende que isso é um reflexo da abertura e de debates mais constantes sobre o tema da diversidade que lhes permitem entender e reconhecer que podem também ter voz, ou que determinadas situações são machistas. Ideia também partilhada pelas Entrevistadas 2 e 3 que comentam sobre o fato de que agora falar sobre diversidade e inclusão é uma pauta exigida pelo mercado financeiro, o que impulsiona as empresas a aderirem ao tema com mais afinco.

Elas compreendem que há um saldo positivo nas iniciativas, mas que ainda são muito incipientes e há um longo caminho a ser percorrido. Conforme pontuam as Entrevistadas 1 e 3, para haver ações mais efetivas, é necessário responsabilizar aqueles que têm mais poder de influência, as lideranças; precisa ser uma mudança de chave cultural e, para que isso ocorra, é preciso vir de cima para baixo. A Entrevistada 3 aponta

que é preciso “reconhecer o machismo, parar de negar, e aceitar, e a partir daí ir construindo as transformações de forma coletiva”.

Em complemento, a Entrevistada 2 acredita haver pelo menos 3 coisas a se trilhar, 1º desvelar vieses inconscientes, “sei que cansa ser a pedagógica a gente não é obrigada mas eu acho que é importante”; e para que isso ocorra, para que as pessoas de fato se sensibilizem é necessário 2º ter ambientes mais diversos, com “as pessoas assim confrontando e dizendo, no pequeno ali do cotidiano, porque que aquilo incomoda”; e a 3º coisa é a oportunidade, “precisa ter acesso, precisa ter acesso a políticas, a oportunidades abertas, precisa garantir acessos, se as pessoas não chegarem nesses espaços, como é que a gente vai virar a chave gente”.

3.2 Narrativas ocultas na perspectiva dos homens

Nas questões 1 e 2 abordamos quais expressões eles presenciam por serem homens, e como isso influencia ou impacta suas trajetórias.

A respeito disso, o Entrevistado 4 comenta sobre algumas expressões mais ouvidas no cotidiano atual como: “seja homem”, “ah, não vou falar tal coisa porque tem uma mulher aqui”. Ele acredita que muitas coisas influenciam desde menino, ouvir as diferenciações de gênero sempre acaba direcionando as pessoas para algum lugar. Comenta sobre as disparidades de sua área, “fiz engenharia mecânica, tinha 1 menina na minha sala de 60 pessoas, aí eu vou trabalhar com operações e eu vou trabalhar numa área onde tem 160 homens e 6 mulheres”. Refletindo sobre a questão ele complementa:

“a gente sempre ouviu que mulher é mais frágil, e acho que isso acaba reagindo muito em como a gente as trata no ambiente de trabalho ou até na vida mesmo (...) inconscientemente é muito comum você fazer isso, “não fala tal coisa porque ela é mulher e vai chorar”.

Já o Entrevistado 5 comenta que uma expressão muito comum é ser julgado por usar rosa, cita ainda que é comum em grupo de WhatsApp ter pornografia compartilhada, e que ele, por respeito a sua família e de seus próprios limites, não costuma compartilhar ou passar para frente, e isso gera também comentários sexistas como:

“sei não, mandei de mulher e ele não gostou, então vamos colocar de homem pra ver se ele gosta. Você não compactua com aquilo que te entregam, você não é inserido lá no processo”.

O Entrevistado 6 acredita que ouviu mais expressões e com maior frequência na fase infantil e na adolescência, e pontua ainda que, por ter feito uma faculdade de comunicação em que há um maior número de mulheres do que de homens acredita ser

um dos motivos de, já na fase adulta, não ouvir tanto determinadas falas ou expressões. A respeito dos reflexos disso na trajetória pontua:

“lógico que impactam, eu acredito que falas, comportamentos, símbolos, e até regras, leis e etc, elas moldam uma sociedade, então eu sou fruto, (...) a sociedade cria alguns paradigmas e algumas caixas onde você deve se encaixar, e quando você não encaixa naquele momento é toda essa questão que vem à tona e você é questionado”.

A terceira questão no traz a reflexão sobre as pressões para agir de determinada forma para que não fosse julgado ou a necessidade de reforçar sua masculinidade. Nesse sentido todos os participantes reforçam que sentiram essas pressões de diferentes formas durante a vida, em especial na fase da infância e adolescência. Em exemplos, o Entrevistado 4 aponta que uma frase marcante é “homem não chora”, e conta que, em uma fase da vida, apesar de não gostar de futebol, se sujeitou a escolher um time simplesmente para poder se enquadrar, não ser excluído ou taxado de esquisito.

Já o Entrevistado 5 comenta sobre a pressão que recebia desde cedo dentro de casa, como sendo a mais traumática e que era a realidade de 90% dos adolescentes de sua época (final dos anos 1980 e início da década de 1990), para o menino “se tornar homem”, o pai, como um ritual, o levava para um “puteiro”, conta “me senti ruim por alguns dias e digerindo aquele processo. Foi bem difícil, foi complicado. Talvez isso me gere sequelas até hoje”.

“eu acho que você vai se auto formatando, primeiro você tem que se adequar e se adaptar aos ambientes, principalmente se você quiser passar por esses ambientes sadio, com a cabeça saudável, e aí você vai então se formatando, se adaptando(...)”.

Em consonância com essa mesma linha de enfrentamento, o Entrevistado 6 comenta que “um determinado momento da nossa vida, em que a gente vive o grupo, e você reproduz o comportamento do grupo (...) a sociedade já nos apresenta um cardápio pronto”, e acredita que “muitas dessas expressões elas entram no nosso vocabulário, e nós não nos damos conta disso, só lá na frente quando você começa a refletir”.

Nas questões 4 e 5, refletimos acerca dos ambientes de trabalho e como falas e atitudes machistas podem passar despercebidas no cotidiano e, também, se acreditam ter sido privilegiados ou poupados de alguma forma por serem homens.

O Entrevistado 4 comenta que apesar de a empresa onde está inserido ter metas como um todo para tornar o ambiente mais igualitário, é uma realidade que ainda há disparidades, porque enquanto o marketing, por exemplo, é composto quase

integralmente por mulheres, em operações é composto por homens, e aí o “equilíbrio”, mas isso não ocorre olhando para os pequenos recortes. Ele dá o exemplo de sua área, que é operações, onde de 12 coordenadores somente 1 é mulher, e por isso também há pequenas metas por área.

Para o Entrevistado 5 existe diferenciação entre os gêneros no cotidiano e bem nítida e entende que, para tentar trazer um equilíbrio, talvez o caminho seja “trazer mais consciência”. Trouxe um exemplo recente, sobre uma contratação de uma mulher para estar na portaria e teve problemas com a equipe masculina, que frequentava demais o local com outras intenções, e que a solução ‘mais rápida’ foi o desligamento da mulher.

Já o Entrevistado 6 comenta que a sociedade costuma tornar essas expressões como algo normal “o que não é bom, “mulher não foi feita pra trabalhar”, “faça uma mulher feliz, dê pra ela uma vassoura e um balde”, entende que “são essas coisas que tem que tirar da nossa fala”, e que é importante “não permitir que a mulher se coloque no lugar que a sociedade/ os homens requerem de opressão e não empoderamento, da mesma forma que os homens, não podem exercer essa postura agressiva verbalmente”.

Todos eles acreditam terem sido privilegiados por serem homens e estarem dentro de uma estrutura social, hierárquica que favorece os homens. O Entrevistado 4 conta que, por estar em uma área de operações, o pensamento costuma ser de “vamos colocar um menino ali porque é melhor”, “na minha própria seleção de estagio, o meu gestor me selecionou por ser homem, porque ele acreditava que homens se dessem melhor no ambiente de trabalho em que eu ia tá inserido”, e ter entrado ali como estagiário é uma das coisas que o trouxe até onde ele está hoje. O Entrevistado 5 reforça que sempre houve uma posição privilegiada, de “vamos colocar um homem aqui por que antes era um homem também” e complementa “hoje, tenho a missão de ajudar a pensar diferente, trazendo por exemplo mulheres pra ser minha base de apoio”, o Entrevistado 6 corrobora com a visão de que a sociedade coloca o homem em uma posição privilegiada e comenta “é uma sociedade que tem uma geração ainda que acredita que o lugar da mulher é na cozinha”, em sua visão “isso só vai mudar com as novas gerações”.

As questões 6 e 7 buscam saber o que na opinião dos participantes podem ser ações efetivas para ajudar minimizar as ações e expressões machistas que foram naturalizadas. Os Entrevistados 4 e 5 entendem que precisa haver uma conscientização no âmbito da liderança, algo que venha de cima para baixo e instituído na cultura organizacional. O Entrevistado 4 reitera a necessidade de haver uma constância e não somente campanhas

isoladas, para mudanças estruturais, expandindo a outros ambientes e não só o de trabalho, é algo que precisa vir da educação além de uma mudança de pensamento e comportamento de gerações, ideias compartilhadas pelo Entrevistado 6.

O Entrevistado 4 lembra ainda da importância de ter mulheres em todos os níveis hierárquicos, pois acredita que o contato cotidiano ajuda a minimizar a naturalização das expressões, pensamento também compartilhado pelo Entrevistado 5 que reitera a necessidade de trazer mais discussões frequentes, trazendo a luz da sociedade. Além da necessidade de dar lugar de fala ao outro, pois à medida em que vai ouvindo e entendendo a dor que isso causa no outro é que “é possível ir mudando o ponto de visão e de comportamento”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A mulher precisa ser ouvida de verdade”. Essa é uma das frases ouvidas durante uma das entrevistas deste artigo, o mesmo se propôs a se aprofundar nas narrativas ocultas do cotidiano e compreender como e se elas poderiam ser um fator dificultoso para o avanço da equidade de gênero.

Por meio das histórias compartilhadas pelos entrevistados, é possível observar a presença de tais narrativas em suas trajetórias e em suas construções pessoais e profissionais. Não só a presença, mas também a forma como isso imprime neles, onde estão, o modo de pensar e de se construir, apontam ainda que, mesmo e apesar de evoluções em torno do debate dos gêneros e do autoconhecimento, há marcas que permanecem. Para as mulheres, “é assim que a gente se sente uma vida inteira”, é notável a insegurança, medo, autoexigência frequente, ainda que em vertentes individuais, diferentes, e ainda que reconheçam suas potências enquanto mulheres, e enquanto pessoas.

Em uma análise geral, as narrativas ocultas estão presentes e são reproduzidas, na maioria das vezes, involuntariamente, por ser estrutural, e estar enraizada social e culturalmente e, numa tentativa efetiva para minimizar as naturalizações de ações e expressões, é necessário trazer provocações com mais frequência, que leve à reflexão, ao reconhecimento, e então à transformação. Além de agir de uma forma pedagógica se posicionando sempre que possível, tornar os ambientes de fato mais diversos, fazendo que, por meio do próprio convívio das diferenças, as pessoas se sensibilizem.

As inúmeras histórias aqui compartilhadas ilustraram que há muitas interseccionalidades cotidianas que atravessam a trajetória de homens e mulheres, que

simbolicamente dá ao homem um direito a ocupação dos diversos espaços no mesmo passo em que é subentendido que a mulher não esteja apta a ocupá-los, ou ela deverá se esforçar muito para conquistar o direito e o respeito de estar ali. Tais construções simbólicas, estruturais e culturais culminam no que discutimos ser aqui as narrativas ocultas cotidianas e, conforme exposto, elas se tornam muitas vezes um fator de entrave para a evolução da equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Cultura como práxis in: **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEAUVOIR, Simone (1949). **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, 2ª ed.

BOURDIEU, Pierre (1998). **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, 11ª ed.

EXAME. **Notícias sobre machismo**. Disponível em: < <https://exame.com/noticias-sobre/machismo/> >. Acesso em: 20 mar. 2022.

FREIRE, Paulo (1974). **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42ª edição.

_____. **Cultural Action for Freedom**. Harvard Educational Review and Center for the Study of Development and Social Change. Monograph Series nº 1. 197, 1970. P.32-33.

LERNER, Gerda (1986). **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. **Oculto**. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/oculto> >. Acesso em: 20 mar. 2022.

MÍDIA NINJA. **Após 10 anos, fotos de senadora italiana com a filha voltam a viralizar e tema continua atual**. Disponível em: < <https://midianinja.org/news/apos-10-anos-fotos-de-senadora-italiana-com-a-filha-voltam-a-viralizar-e-tema-continua-atual/> >. Acesso em: 20 mar. 2022.

VEJA. **Notícias sobre machismo**. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/noticias-sobre/machismo/> >. Acesso em: 20 mar. 2022.